



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO - UNIFAMETRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA GISELLE TORRES DE LIMA

**A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA
SEXUAL INFANTIL: opinião de pais, mães e professores.**

FORTALEZA

2021

MARIA GISELLE TORRES DE LIMA

A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA
SEXUAL INFANTIL: opinião de pais, mães e professores.

Artigo TCC apresentado ao curso de Bacharel em Psicologia do Centro Universitário Fametro - Unifametro - como requisito para a obtenção do grau de bacharel.

Orientador(a): Prof. M^a. Teresa Glauca Gurgel Gabriele Costa.

FORTALEZA

2021

MARIA GISELLE TORRES DE LIMA

A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA
SEXUAL INFANTIL: opinião de pais, mães e professores.

Artigo TCC apresentado no dia
23/06/2021 como requisito para a
obtenção do grau de bacharel em
Psicologia do Centro Universitário
Fametro - Unifametro -, tendo sido
aprovado pela banca examinadora
composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a. Teresa Glauca Gurgel Gabriele Costa
Orientadora - Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

Prof^a. Dr^a. Letícia Décimo Flesch
Membro - Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

Prof^a. Dr^a. Sara Guerra Carvalho de Almeida
Membro - Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

À professora Dra. Teresa Glauca, que com sua dedicação e cuidado de mestre, orientou-me na produção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, por estar sempre comigo nas horas difíceis, me dando suporte e amparo, ao meu pai por ter me ensinado a ter calma e não desistir quando algo parece muito difícil, as minhas irmãs, Maria Cláudia, Maria Máirla, Maria Denise e Maria Deborah, aos meus sobrinhos Pedro Henrique e Marina e ao meu amor Anderson Perondi.

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram durante este percurso. Ao Curso de Psicologia da Unifametro e aos educadores que me inspiraram ao longo desses anos. Aos docentes, porteiros, diretores, coordenadores, auxiliares de limpeza e todos os profissionais desta instituição de ensino.

Como fica forte uma pessoa quando está
segura de ser amada.

Sigmund Freud

RESUMO

A escola e a família exercem um importante papel na orientação sexual durante a infância. Este estudo teve como objetivo identificar a opinião de pais, mães e professore(a)s, sobre a educação sexual ser ensinada para crianças como estratégia de prevenção á violência sexual infantil. Trata-se de uma pesquisa exploratória, cujos dados foram obtidos por meio de um questionário/formulário online, respondido por 80 participantes das redes de ensino público e privado, da cidade de Fortaleza, CE. Os resultados demonstraram que, apesar de considerarem a importância do tema, grande parte dos professores não dispõe de conhecimentos suficientes para promoverem orientação sexual para crianças. Além disso, boa parte dos participantes apresentou dificuldades para falar sobre sexualidade para crianças. Conclui-se que programas de treinamento e capacitação sobre sexualidade na infância são necessários para esta população.

Palavras-chave: Educação sexual infantil; Prevenção da violência Sexual; Orientação Sexual.

ABSTRACT

School and family play an important role in sexual orientation during childhood. This study aimed to identify the opinion of fathers, mothers and teachers about sexual education being taught to children as a strategy for preventing child sexual violence. This is an exploratory research, whose data were obtained through an online questionnaire/form, answered by 80 participants from public and private education networks in the city of Fortaleza, CE. The results showed that, despite considering the importance of the topic, most teachers do not have sufficient knowledge to promote sexual orientation for children. In addition, most participants had difficulties talking about sexuality to children. It is concluded that training and qualification programs on childhood sexuality are needed for this population.

Descriptors: Child sexual education; Prevention of Sexual Violence; Sexual Orientation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	Sexualidade da criança: entre a Psicologia e o senso comum.....	13
2.2	Educação sexual nas escolas	17
2.3	Abuso sexual na infância	19
2.4	Estratégias de combate e prevenção à violência sexual infantil ..	21
3	METODOLOGIA.....	24
3.1	Participantes e local de estudo.....	24
3.2	Critérios de inclusão.....	24
3.3	Critérios de exclusão	25
3.4	Procedimento	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
4.1	Primeira fase	27
4.2	Segunda fase	34
	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS.....	44
	APÊNDICE – FORMULÁRIO DE OPINIÃO.....	48

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre a violência sexual tem sido pauta frequente nos ambientes educacionais e familiares. O abuso sexual infantil tem sido tratado como um problema de saúde pública, causador de sérios prejuízos para o desenvolvimento das vítimas, tratando-se de um ato que interfere negativamente na dimensão psíquica, social, política e econômico (HABIGZANG et al, 2005).

A palavra violência origina-se do latim vis, e de acordo com Marilena Chauí (1998), este termo abrange todo ato forçado e feito contra a vontade espontânea de qualquer ser, que exclui a liberdade e afeta a natureza de um indivíduo. Conseqüentemente é também todo e qualquer ato de violação dos valores compreendidos como justos, por uma sociedade.

De acordo com Abrapia (2002) a violência sexual infantil se caracteriza como qualquer tipo de gratificação sexual de um indivíduo de idade superior à da vítima, em que o abuso ocorre através da relação de poder, em que o indivíduo abusador impõe sobre a criança. Podendo se manifestar através de exploração sexual, ato sexual com ou sem penetração, violência física e o manuseio de partes íntimas da vítima ou do agressor.

Segundo o Ministério da Saúde (2002), a violência sexual é definida como qualquer ato, heterossexual ou homossexual, cujo agressor possua desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que o da vítima e que tenha por intenção estimulá-la sexualmente em busca de obter a satisfação sexual, podendo ser praticada sob a forma de violência física, ameaças, ou indução de sua vontade. Podem ser caracterizados também como violência sexual, comportamentos de cunho sexual, mesmo que não haja o contato físico, como é o caso de voyerismo, exibicionismo e produção de fotos, assim como comportamentos com contato sexual, com ou sem penetração. Pode também estar vinculada com a exploração sexual visando benefícios financeiros, como no caso da prostituição e da pornografia.

Ao estudarmos a violência sexual infantil, buscamos compreender quais elementos podem se tornar facilitadores das situações de violência contra crianças. Alguns fatores podem influenciar diretamente na ocorrência destes eventos. Os fatores de risco são eventos com características negativas, que podem se configurar como um único acontecimento ou vários, podendo estar associados entre si. Para

Borges e Zingler (2013, p. 453-463) os fatores de risco das crianças que sofreram abusos sexuais geralmente são: “Relações desiguais de poder nos relacionamentos familiares, segredos, ameaças, falta de comunicação, baixa coesão familiar e altos níveis de conflitos são comumente observados nas famílias abusivas”.

De acordo com Xavier (2011), a compreensão sobre a sexualidade infantil e o conhecimento sobre a violência sexual contra a criança pelos/as professores/as são fortes indicadores de proteção e cuidado em favor da criança. Da mesma maneira, existem estudos que revelam que crianças bem-informadas sobre tais temas são menos vulneráveis do que as crianças desinformadas, na medida em que estas podem ser mais facilmente coagidas a manter o segredo sobre a violência. O que demonstra a importância da prevenção da violência sexual infantil enquanto um trabalho a ser inserido no contexto escolar atuando através da educação sobre a sexualidade.

O tema Educação Sexual começou a ser discutido a partir da década de 1960. Dando-se início as primeiras propostas governamentais de levar a temática às escolas, visando aos aspectos biológicos. Apenas na década de 1990 que essa proposta ganhou força ao ser colocada na agenda educacional, visando a diminuição da gravidez na adolescência (ZERBINATI; BRUNS, 2017).

Para Figueiró (1996), a Educação Sexual é definida como: toda ação de aprendizagem sobre a sexualidade humana, ao nível de informações básicas necessárias para que o indivíduo desenvolva e tenha experiências positivas. A aprendizagem sobre o tema auxilia nas discussões e reflexões acerca de valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes sobre a sexualidade no contexto social.

Nesse sentido, a Educação Sexual é um tema relevante, pois adentra em diversas questões do aspecto humano, não apenas o aspecto biológico, mas também, psicológico, afetivo e comportamental. O estudo desse tema contribui para em melhor esclarecimento sobre ele, bem como retirar tabus estabelecidos.

Para Zerbinati e Bruns (2017) o ser humano tem a sexualidade como algo natural, ou seja, a sexualidade é inerente aos seres humanos. Na realidade brasileira, esse tema ainda é abordado com restrições, focado em aspectos reprodutivos e funcionais corporais, principalmente no ambiente escolar. Quando se pensa em falar sobre a sexualidade nos contextos comportamentais e psicológicos, percebe-se certo

constrangimento, sendo visto como algo inapropriado e até mesmo entendido como um tabu, aparecendo resistências para tal temática pela família e por profissionais da saúde e da educação.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a educação sexual deve ser trabalhada nas escolas de maneira transversal, na qual haja a participação de todas as áreas de conhecimento, em todos os níveis de ensino, cabendo ao professor trabalhar o tema de maneira coerente, levando os alunos a um autoconhecimento, bem como a compreensão de seus próprios limites (BRASIL, 1998).

Para Vygotsky (1984), a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, desde o nascimento, e que a construção de novos conhecimentos é mediada pela linguagem. Deste modo, não só a família, mas também os educadores assumem o papel de mediadores, possibilitando à criança a investigação do que lhe despertou a curiosidade.

Os educadores precisam de preparação para atender as inquietações e indagações dos alunos. Necessitam também estar conscientes sobre os tabus e preconceitos que essa temática carrega. Além de informar sobre a sexualidade de uma maneira adequada, devem também esclarecer dúvidas que possam surgir. Como afirma Costa et al. (2018), falar sobre sexualidade implica em estimular debates com a população, pois ela faz parte do ciclo vital de todo ser humano, seja no sentido biológico ou cultural.

Para Moizés e Bueno (2010) os tabus que surgem na sociedade sobre este assunto podem ser reflexos das dificuldades que a família, sobretudo os pais enfrentam em dialogar com o assunto, já que a sexualidade é vista por muitos como um tema obscuro e proibido. Gonçalves et al. (2013) acrescentam que a sexualidade ainda é considerada um tabu no cenário brasileiro, no qual, o preconceito em relação ao tema dificulta diálogos e esclarecimentos sobre possíveis questionamentos que possam surgir.

Diante destas informações, esta pesquisa se propõe a identificar a opinião de professores, pais e mães, acerca da educação sexual como estratégia de prevenção à violência sexual infantil e analisar como a educação sexual pode contribuir como uma possível estratégia de prevenção e proteção ao abuso sexual infantil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sexualidade da criança: entre a Psicologia e o senso comum

A sexualidade infantil foi abordada inicialmente por Sigmund Freud, criador da Psicanálise. Segundo a concepção freudiana, a libido faz parte da constituição dos sujeitos desde o nascimento, fazendo parte do desenvolvimento dos seres humanos, que se dá através da evolução psicosexual.

Segundo Zoning (2008), Freud expandiu completamente o conceito tradicional acerca da sexualidade infantil. No final do século 19, a partir de uma concepção naturalista, mudou-se completamente a compreensão do sexo infantil. O autor propôs uma concepção mais ampla de sexualidade, sendo parte constituinte do psiquismo que segue o ser humano até o fim da vida. Naquele período, falar sobre sexualidade infantil era considerado anormal ou até mesmo perverso.

Para a psicanálise a sexualidade não está baseada somente nos órgãos genitais e não está voltada apenas a fins reprodutivos. Ao contrário, trata-se de uma sexualidade pulsional. Que se desenvolve em cinco fases, sendo a primeira delas a Fase oral: período correspondente ao primeiro ano de vida, quando a área onde a energia sexual está localizada é a boca (FADIMAN e FRAGER, 2002); A segunda fase é a anal, ocorrendo por volta do segundo anos de vida da criança, período em que há maior foco no comportamento de controle de suas necessidades fisiológicas.

O exercício de ir ao banheiro desperta o interesse natural das crianças pela autodescoberta. Portanto, a realização do controle fisiológico está relacionada à compreensão de novas etapas e novos prazeres (VINICIUS, 2010); a terceira Fase é a fálica, e se inicia volta do terceiro ano de vida da criança, nessa fase, a zona erógena está relacionada à micção e aos cuidados com o corpo (como a higiene). Por meio do contato com o corpo, a estimulação desses órgãos e as sensações agradáveis que eles proporcionam são inevitáveis;

A penúltima fase é o período de latência e acontece aproximadamente dos cinco anos de idade até o começo dos doze, coincidindo com o início da puberdade, quando os interesses da libido são suprimidos; chegando a Fase genital, sendo este o último estágio do desenvolvimento psicosexual, que se inicia no período da puberdade e se mantém até o final da vida humana (FADIMAN e FRAGER, 2002).

Freud marcou a história ao revelar que o desenvolvimento da sexualidade infantil começou com o autoerotismo, portanto nas primeiras fases do desenvolvimento da sexualidade, que antecedem a puberdade, a busca pelo prazer é encontrada no próprio corpo:

No chuchar ou sugar com deleite já podemos observar (...) características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo autoerótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis (FREUD, 1997, p. 111 - 112).

Zorning (2008) discorreu sobre Freud utilizar o termo 'apoia' para demonstrar que o desenvolvimento da sexualidade infantil, se apoia na função de conservação da vida, mas que, se separa desta função para buscar a sensação de prazer. Por tanto, afirmou que a satisfação vai além do comportamento puramente instintivo, pois o bebê não procura o leite materno apenas para a satisfação orgânica, mas sim, busca a satisfação através da relação afetiva com a mãe.

Gagliotto (2009), em consonância com as etapas do desenvolvimento psicosssexual, desenvolvidas por Freud, relata que a fase oral que ocorre entre 0 e 1 ano de idade, é a etapa do desenvolvimento infantil, no qual o prazer e a satisfação se encontram na boca, portanto, a boca representa o canal de comunicação entre a criança e o mundo. Já a segunda fase do desenvolvimento psicosssexual, descrita por Freud, como fase anal, ocorre aproximadamente entre 1 e 3 anos de idade. Gagliotto (2014) menciona que essa etapa tem início quando a criança experimenta sensações corporais, por meio, do controle das fezes e da urina. Quando a criança consegue ter controle dos esfínteres, nota que é aceita pela sociedade e, conseqüentemente, começa o processo de introjeção das normas sociais.

A terceira etapa do desenvolvimento psicosssexual, que ocorre, aproximadamente, entre 3 e 6 anos de idade, é nomeada de fase fálica. Segundo Gagliotto (2014), nesta fase a criança descobre os órgãos sexuais e conseqüentemente, demonstra curiosidades pelas diferenças sexuais. Com a descoberta dos órgãos sexuais, a criança começa a manipulá-los, e pela sensação de prazer gerada com o toque, sendo comum que a criança passe a repetir essa atividade frequentemente.

O autor também aponta que nesta fase, as crianças desenvolvem com mais frequência, a iniciativa e o gosto pelos jogos de cunhos sexuais, como brincar de papai e mamãe, brincadeiras de casinha e de médico. Após os seis anos de idade até os dez, aproximadamente, a sexualidade infantil é tomada pelas repressões; e a quarta fase está instaurada. Na fase da latência, que dura até a puberdade, as formações reativas são assimiladas, por meio, da moral, da vergonha e do nojo (FREUD, 1997).

Costa e Oliveira (2011) lembram que, nesta fase, a educação pode representar um meio, para a criança desviar sua energia sexual. Visto que, durante este período a energia sexual não é cessada, ela apenas encontra outro caminho, sendo desviadas para atividades aceitas socialmente. A puberdade completa o quadro da sexualidade infantil, chegando a última fase do desenvolvimento da sexualidade, que são os desejos sexuais voltados para uma única pessoa, na qual o sujeito tem a intenção de realizar seus objetivos sexuais. A partir da fase genital, a sexualidade não é mais encontrada no próprio corpo, pois a puberdade é um período marcado por ser a única fase em que a organização sexual é voltada para as intenções de reprodução (FREUD, 1997).

Freud insiste que a sexualidade infantil é própria da vida humana, e vai além, ao configurar, como as regras sociais reprimem toda a atividade sexual infantil. “Freud passa a incomodar não só pais e educadores, mas toda uma comunidade científica que se encontrava, até então, muito confortável e protegida por seus tabus” (GAGLIOTTO, 2014, p. 112). O autor gerou antipatia social, ao estudar que o desenvolvimento da sexualidade é longo, e tem início com a constituição psíquica do sujeito. Portanto, destacamos que Freud concebeu uma grande ideia para a concepção da época: a descoberta da sexualidade infantil (GARCIA, 2001).

De acordo com as teorias da psicanálise, há um grande investimento por parte das crianças em descobrir de fato como se dá ao nascimento dos bebês e tudo o que está relacionado a isso. Também trazem consigo a curiosidade de descobrir inclusive sobre como se consiste a relação sexual, ou seja, o que de fato ocorre na intimidade de um casal, e acabam por fantasiar a respeito de todas estas questões (FREUD, 2006, p. 183). Freud ainda diz que muitas vezes, por falta de respostas, as soluções encontradas pelas crianças é a de encontrar possíveis respostas para tais questões por meio da fantasia, como relacionar a atividade sexual às funções de micção ou defecação.

Podemos observar o quanto a sexualidade está presente na criança e é principalmente durante a fase dos 3 aos 5 anos de idade que se inicia o período da busca do saber ou de investigação. De acordo com Freud as relações das crianças com a sexualidade são particularmente significativas, pois para a criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, podendo até ser despertada por eles (FREUD, 2006, p. 183).

Muitos adultos se sentem desconfortáveis ao presenciarem uma situação na qual crianças estão manifestando algum comportamento sexual, seja este consigo mesmo ou com outras crianças, e até mesmo ao serem indagados com questionamentos sobre a sexualidade. A grande maioria sente-se despreparado e sem saber como proceder diante de tais ações infantis, o que parece ser bastante recorrente no ambiente familiar e escolar. Podemos pensar que este desconforto surge da incapacidade de dar respostas ou até mesmo reagir de maneira coerente com a situação. Por muitas vezes as dificuldades frente a este assunto, podem ser derivadas de preconceitos e tabus que se estabeleceram na sociedade.

Segundo Laviola (2006), é comum para muitos adultos, ao perceberem a curiosidade sexual de uma criança, responderem a ela inventando, mentindo ou até mesmo ignorando-a. Em geral, pais, mães e professores tendem a responder diante de manifestações sexuais de crianças e alunos com base em sua própria história de educação sexual, ou seja, a partir de seus valores pessoais sobre o modo como foi construída a sua sexualidade, ou a partir da reprodução da forma como foram ensinados sobre este assunto.

Diante de manifestações sexuais infantis, bem como as indagações decorrentes da curiosidade sobre a temática, de acordo com Silva, Schmitz e Menezes (2015) os adultos precisam estar preparados para estas situações, principalmente os responsáveis pelas crianças, como os pais, a família, educadores e professores. Para não se omitirem ou responderem com informações inadequadas e/ou fantasiosas, pois isto pode privar a criança do reconhecimento de sua sexualidade, assim como fazer com que ela compreenda o assunto como algo errado ou sujo, o que faz com que a educação sexual seja pouco favorável.

Através destas questões, podemos considerar que o desenvolvimento da sexualidade é representado nas relações estabelecidas entre a criança e as pessoas que ocupam a função de materna e paterna, as inscrições no psiquismo, que permitem a criança compreender que além de um corpo biológico, ela precisa se reconhecer como um ser de importância para o outro (ZORNIG, 2008). Nota-se a importância de se promover debates e atividades que compreendam a sexualidade infantil como inerente ao ser humano, e a necessidade de se promover possíveis intervenções pedagógicas para a garantia de que crianças se expressem em todo e qualquer contexto, com o intuito de que consigam receber a educação e esclarecimentos necessários durante esta fase.

2.2 Educação sexual nas escolas

A criança inicia sua vida escolar cada vez mais cedo, podendo iniciá-la ainda no berçário, por volta de 6 meses de idade, ou na Educação Infantil, por volta de 2 anos de idade. Desse modo, a família deixa de ser o lugar exclusivo na formação da vida psíquica e para o estabelecimento dos laços emocionais e sociais da criança.

O ato educativo que ocorre em contextos coletivos, durante a primeira infância, não se situa somente no plano cognitivo. Educar é desenvolver a criança de maneira integral, criando condições para o surgimento de um sujeito (MARIOTO, 2009). “A educação infantil não só cuida do corpo da criança, como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõem à conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos” (VIANNA; FINCO, 2016, p. 11).

Grande parte da rotina das crianças ocorre no ambiente escolar, sendo este considerado por muitos autores como um local privilegiado para a detecção precoce de violência sexual infantil. A escola torna-se por tanto um ambiente bastante facilitador para a prevenção e conscientização sobre a violência sexual. Isso porque a sexualidade infantil é expressa na escola de diversas maneiras; seja através de brincadeiras, jogos, estudos e conversas sobre o tema. Por muitas vezes, crianças que foram vítimas podem apresentar manifestações indicativas de violência sexual. No entanto, pela falta de preparo dos professores, os indicadores passam despercebidos por estes profissionais (XAVIER, 2008).

Maia et al., (2011) consideram que muitos adultos entendem as crianças como inocentes diante de assuntos relacionados a sexualidade, negar informações ou

esclarecimentos sobre a sexualidade humana por medo de "estimular" seu comportamento sexual tem se tornado comum, pois para muitos professores, um simples diálogo sobre o assunto relacionados a esta temática pode vir a aflorar a curiosidade das crianças, podendo antecipar também a vida sexual destas.

É importante que os professores percebam que o envolvimento deles na educação sexual das crianças é fundamental. Para isto é necessário que estes profissionais tenham um entendimento mais aprofundado sobre a sexualidade infantil, do contrário este processo pode ser dificultado (RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004).

Tratando-se de violência sexual, considerando que existe o componente sexual nessa modalidade de violência, preveni-la envolve acima de tudo, educar para a sexualidade, fazendo com que a criança, desde pequena, saiba discernir um ato de violência, assim como se proteger, garantindo o seu direito de dizer "não" às investidas sexuais de um abusador, bem como conseguir revelar o episódio, solicitando ajuda a alguém de sua confiança (SANTOS; IPPOLITO, 2009).

Santos e Ippolito (2009) ainda acrescentam afirmando que, na escola, essa educação pode ser feita de diversas formas, seja por meio da leitura de livros infantis sobre a prevenção da violência sexual, por meio da apresentação de filmes, teatros ou dramatizações sobre o tema, ou até mesmo em uma simples conversa. Tais ensinamentos possuem o propósito de desenvolver a autoproteção, porém não delegam à criança a responsabilidade por não ser vítima de violência, pois essa responsabilidade é sempre do adulto, no entanto garantem o direito infantil à informação como uma grande ferramenta de prevenção.

Muitos indivíduos não tiveram a oportunidade de serem esclarecidos sobre assuntos relacionados à sexualidade, por se tratar de temáticas que por muitas vezes são identificadas erroneamente como impróprias e até mesmo capazes de ferir os bons costumes de regras morais e sociais, sendo pouco discutidas na infância e até mesmo durante a vida adulta. O conhecimento sobre a educação sexual é fundamental de ser aprendido em qualquer fase da vida, havendo a possibilidade de ser utilizada como uma importante ferramenta de combate aos crimes de violência sexual.

Santos e Ippolito (2009) afirmam que, para que a educação sexual aconteça nas escolas, é preciso que profissionais da educação tenham a formação necessária

sobre o tema na graduação e em cursos de formação continuada, na medida em que precisam estar informados sobre o tema, em busca de desenvolver habilidades para lidar com o assunto em sala de aula, assim como ter o conhecimento sobre os procedimentos adequados em caso de identificação de violência sexual infantil.

Dessa maneira, compreende-se a importância da prevenção da violência sexual infantil enquanto um trabalho a ser inserido dentro de um contexto no qual a escola atua com a educação para a sexualidade, ensinando não apenas a criança a se proteger, mas principalmente a questionar as relações sociais de poder. O que nos permite considerar a educação sexual como uma grande aliada no que diz respeito à prevenção da violência sexual infantil.

2.3 Abuso sexual na infância

A violência sexual infantil é entendida como qualquer tipo de ato ou jogos sexuais em que uma criança é submetida a participar por outro indivíduo que possui desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que o seu, utilizando-se de poder para estabelecer a satisfação de seus próprios desejos em detrimento ao bem-estar da vítima (MAIA, 2005). Por muitas vezes, este tipo de violência ocorre dentro do ambiente familiar da própria vítima, dificultando o rompimento do segredo estabelecido entre a pessoa que comete o crime e a criança vítima de violência. Essa dificuldade acontece principalmente por conta dos laços de afetividade entre os familiares. O que por sua vez pode trazer inúmeros sentimentos conflitantes na vítima, como: culpabilidade, medo, dificuldades de verbalizar o que está passando durante aquele período falta de coragem para pedir ajuda (AZEVEDO e GUERRA, 2002).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nenhuma criança deverá ser objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo perante a lei qualquer atentado, por ação ou omissão, que interfira em seus direitos fundamentais.

A violência sexual é considerada um problema de saúde pública complexo, que nasce nas relações de desigualdade e de poder. Sendo um problema ocorrente em todas as classes sociais, independente de gênero, ou raça, estruturando-se através de uma dinâmica arbitrária, entre o agressor e a vítima. Caracterizando-se como uma violência que impõe a vítima a situações como estupro assédio, exploração sexual,

imposição de intimidades, exibicionismo, práticas eróticas não concedidas, além do “voyeurismo” (MIRANDA et al, 2020).

No Brasil, dados do Disque 100 mostram que a violência sexual contra crianças e adolescentes, foi o quarto tipo de violência mais frequente no país em 2017. Além disso, de acordo com os registros do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), em 2011, foram atendidas 10.425 crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Desse total, a maioria dos casos são indivíduos do gênero feminino (83,2%) (MIRANDA et al, 2020).

Para aumentar a visibilidade da violência, determinar sua escala, a tipologia, gravidade, perfil das pessoas envolvidas, local de ocorrência e outras características relacionadas a estes incidentes, o Ministério da Saúde implantou o Sistema de Monitoramento de Violência e Acidentes (VIVA) em 2016, com seus instrumentos de coleta padronizados. Sendo uma forma de notificação das violências interpessoais registradas no SINAN. A notificação é uma vertente do atendimento integral à saúde de crianças, adolescentes e seus familiares em situação de violência, garantindo acolhimento, atendimento, prevenção, tratamento, acompanhamento e proteção social na rede de atenção e acompanhamento. Possibilitando a prevenção da violência e a promoção de uma cultura de saúde.

A violência sexual, muitas vezes, pode se tornar ainda mais invisível, seja por dificuldades de denúncia, ou pela vulnerabilidade no acolhimento e acompanhamento de crianças em situação de violência, o que tornam os casos de violência sexual infantil ainda mais emergentes (MIRANDA et al, 2020).

Pereira et al (2019) criaram uma escala de crenças sobre abuso sexual, que identifica crenças e tabus entorno da violência sexual infantil. De acordo com a escala, estas crenças surgem a partir de tabus que ainda não foram desmistificados em torno dessa temática: muitas pessoas possuem a crença de que raras crianças são vítimas de abuso sexual e que crianças do sexo feminino são consideradas o único alvo deste tipo de violência. Outra crença é a de que a maioria dos relatos de abusos feitos por crianças, não passam de meras fantasias, dissimulo das próprias mães ou de denúncias falsas. E caso a queixa seja feita de modo tardio, provavelmente o ocorrido nunca existiu. Abusadores são indivíduos distintos de pessoas comuns e muitas vezes desconhecidos pela família da vítima.

Ainda de acordo com a escala de crenças de Pereira et al (2019), alguns indivíduos acreditam que para que haja a tipificação de abuso, é necessário o uso da violência e resistência por parte da vítima, e que caso não exista penetração, não poderá ser considerado um abuso. Muitas pessoas acreditam que a violência sexual pode ser ocasionada pelo comportamento sedutor da vítima, mesmo se tratando de crianças. E que o motivo pelo qual o agente comete violência sexual contra uma criança, é baseado na incapacidade do agente agressor de conseguir uma parceira(o) adulta(o). E por fim, se uma menina é abusada anteriormente, era natural que homens viessem a abusar dela novamente (PEREIRA et al, 2019).

2.4 Estratégias de combate e prevenção à violência sexual infantil

O diálogo é considerado uma importante ferramenta básica no processo de educação sexual. Algumas crianças buscam interrogar em busca de obter respostas sobre a sexualidade, outras silenciam suas questões e algumas necessitam apenas de um ambiente que as encorajem a buscar conhecimento. Todos os indivíduos são considerados como "seres sexuais", por este motivo, informações sobre sua própria sexualidade devem ser repassadas, seja através de material informativo, ou de orientações (MOIZES; BUENO, 2010).

Os autores acrescentam também que, a escola pode proporcionar um ambiente facilitador para a promoção da educação sexual, mas sempre com atenção para que seja utilizada uma linguagem adequada para a idade e o contexto específico. A Escola precisa reassumir o trabalho de educação sexual, mas não para repreendê-la e sim para mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, contudo, substituir a família, porque a criança não chega à escola sem ideias, mas já com diversas inscrições acerca do sexo. (MOIZES; BUENO, 2010).

Para Jardin e Bretas (2006) a família a sociedade e a escola, são instituições fundamentais no processo de formação no desempenho dos papéis sexuais das crianças. Mesmo quando não há um diálogo aberto com a família sobre tais temas, as primeiras noções sobre o que é adequado ou não, surgem a partir de ensinamentos passados através gestos, expressões, recomendações e proibições, sendo uma peça-chave para educar sobre a sexualidade.

Independentemente de a família estar envolvida no processo de educação, a sociedade e os meios de comunicação (como televisão, rádio e internet) estão

debatendo abertamente as questões sexuais, que afetam diretamente o comportamento das crianças e bombardeiam com notícias a respeito do comportamento sexual com informações em sua maioria equivocadas. Compreendemos que os ambientes educacionais são uma parte importante de nossa pesquisa. Pois estas instituições são locais adequados para a realização de projetos de educação sexual, visto que, além de atuar diretamente nos alunos, também estimula indiretamente as famílias a desempenharem seus próprios papéis no processo de educar.

Professores, orientadores e funcionários de escolas podem ter um papel muito importante na identificação precoce de situações de abuso ou mesmo na prevenção da violência sexual. Esses trabalhadores têm contato diário com as crianças e adolescentes no contexto escolar, que é um local muito propício para discussão e reflexão (RISPENS et al, 1997). Além disso, como na maioria dos casos o agressor é parte da família, a escola é o lugar ideal para detecção e intervenção (BRINO; WILLIAMS, 2003b).

Os Novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) preconizam a orientação sexual da escola, dando às instituições de ensino autonomia para decidir como resolver esse problema (GARCIA, 2014). No entanto, as instituições de ensino enfrentam dificuldades na introdução de novas práticas de educação sexual, e muitas vezes deixam de abrir espaço para o debate contínuo sobre saúde reprodutiva e sexualidade, principalmente no que se refere à falta de material, capacitação dos profissionais e recursos (COSTA, LOPES, SOUZA;). Para educar são necessários professores e educadores capacitados, pois estes são os principais promotores da integração da orientação sexual na vida escolar.

Com o intuito de promover o combate à violência, os autores, Gomes, Silva e Njaine (1999) apresentaram uma tabela de recomendações divididas em três níveis de prevenção. O nível primário consiste na promoção da qualidade de vida para a população e a capacitação e participação dos pais na problemática da violência, e na construção de cidadania. Sendo aplicado através de: discussões acerca da temática envolvendo instituições, grupos e meios de comunicação de massa para o conhecimento e sensibilização do fenômeno, discussão, junto a grupos de pais e promoção de ações de sensibilização dos profissionais para esta problemática.

O nível secundário consiste na identificação precoce de violências. Este nível é realizado através de: desenvolvimento de uma atitude suspeita diante de alguns comportamentos, capacitação dos profissionais para que possam detectar e dar um pronto atendimento aos casos. Pois alguns sinais comportamentais, emocionais ou cognitivos podem ficar evidentes em determinadas crianças que foram vítimas de violência. Cabendo aos responsáveis se manterem atentos a estas possíveis mudanças de comportamento: comportamento isolado, dificuldade de socialização com outras crianças, retraimento e até mesmo demonstração de comportamentos hipersexualizados, podem ser indícios de violência sexual. Portanto é imprescindível uma rede de apoio atenta aos possíveis sinais (GOMES, SILVA e NJAINE, 1999).

Por fim, o nível terciário, que trata da organização de serviços de saúde e da promoção de um atendimento integral multidisciplinar, contando com a colaboração de todos, incluindo família como um dos principais colaboradores nesta estratégia. Consiste na criação de uma rede de atuação, envolvendo serviços e instituições como estratégia de ação (GOMES, SILVA e NJAINE, 1999).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui caráter exploratório, uma vez que, segundo Mattar (1999) "a pesquisa exploratória é utilizada para elevar o conhecimento do pesquisador sobre o tema que lhe é ainda totalmente desconhecido". A abordagem utilizada na presente pesquisa foi de caráter misto. Quanto ao aspecto quantitativo, possibilitou medir o grau em que o objeto de investigação está presente (MATTAR, 1999). Em relação à análise qualitativa, caracterizada por Silveira e Córdova (2009) como o tipo de pesquisa feita para buscar identificar quais as opiniões a respeito deste fenômeno, de maneira que não possa ser medido e nem explicado através de métodos convencionais.

Utilizou-se uma pesquisa de opinião para levantamento de dados, pois de acordo com Manzato e Santos (2012), a pesquisa de opinião é utilizada na busca de pontos de vista, e preferências que indivíduos têm a respeito de algum assunto. Permitindo tratar de temas do cotidiano, como verificar tendências da opinião pública, por meio da manipulação de dados, das opiniões contra ou a favor de temas. Neste caso sendo utilizada para buscar a opinião de pais, mães e professores, sobre a educação sexual para crianças, como ferramenta de combate à violência sexual infantil.

3.1 Participantes e local de estudo

Para esta pesquisa foram selecionados vinte pais, vinte mães e quarenta professores(as) de alunos do ensino fundamental, da cidade de Fortaleza, distribuídos da seguinte forma: 10 mães de alunos (da rede pública); 10 mães de alunos (da rede privada); 10 pais de alunos (da rede pública); 10 pais de alunos (da rede privada); 20 professores(as) (da rede pública); 20 professores(as) (da rede privada), somado o total de oitenta participantes.

3.2 Critérios de inclusão

Para os critérios de inclusão, foram selecionados professores(as) do ensino fundamental, da rede pública e privada e pais e mães que concordaram em participar da pesquisa por meio do formulário de opinião online.

3.3 Critérios de exclusão

Foram excluídos os demais familiares, mesmo que estivessem como responsáveis pela criança, por não atender aos objetivos da presente pesquisa. Também foram excluídos professores de outros níveis de educação formal, bem como professores de escolas complementares (esportes, dança, línguas).

3.4 Procedimento

Para a coleta de dados foi elaborado um formulário/questionário online estruturado - testado em sua finalidade em uma situação piloto - contendo dados pessoais e profissionais, bem como questões de opinião acerca da educação sexual nas escolas. Utilizou-se a plataforma Google Forms na coleta de dados e na obtenção de resultados da pesquisa de levantamento de opinião presente neste estudo.

Em uma primeira etapa foi realizado um levantamento de dados através de um formulário de opinião online estruturado, sendo este o instrumento escolhido para a coleta dos dados da pesquisa. Tal instrumento, possuiu a finalidade de obter informações sobre a opinião de pais, mães e professores(as) de alunos do fundamental, da rede pública e privada, a respeito da educação sexual para crianças.

O formulário online foi esquematizado com perguntas abertas e fechadas de múltipla escolha. Tendo como pressuposto os seguintes temas: (a) qualidade de preparação dos responsáveis na transmissão de ensinamentos a respeito da educação sexual; (b) educação para a sexualidade na Educação Infantil; (c) educação para a sexualidade enquanto maneira de prevenir a violência sexual infantil. Tendo como objetivo de levantar dados para gerar os gráficos utilizados na pesquisa.

A ideia inicial era fazer um censo, ou seja, enviar os questionários no mesmo período para todos os sujeitos, no caso, cerca de 80 participantes. Os formulários começaram a ser enviados a partir do dia 06 de maio até o dia 19 de maio. O formulário de opinião online foi enviado pela pesquisadora, através do e-mail de cada participante.

Os dados coletados através do formulário de opinião online foram tabulados, e para melhor análise e compreensão dos resultados foram utilizados gráficos do tipo pizza. Para a elaboração deles, foi utilizada a mesma plataforma do Google Forms. Esta plataforma permitiu que fossem elaborados os gráficos. Para um melhor

entendimento e compreensão dos resultados foram tecidos comentários junto aos gráficos. A fim de preservar a identidade dos participantes, seus dados não serão identificados. Além disso, todos os participantes assinaram o termo de consentimento informado autorizando sua participação de modo voluntário. Os participantes foram selecionados através do contato de profissionais mediadores da rede pública e privada, sendo estes, diretores e coordenadores de escolas da cidade de Fortaleza do estado Ceará. O questionário online e o link de acesso encontram-se no apêndice desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Primeira fase

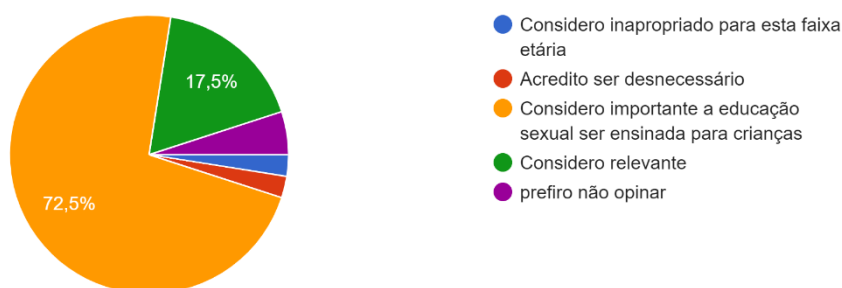
Dados pessoais e profissionais de professores

No que concerne aos dados pessoais, os professores em estudo se caracterizam em: 32,5 % entre 39 e 45 anos, 22,5% entre 25 e 31 anos, 20% entre 32 e 38 anos, 10% entre 46 e 52 e 7% preferiram não responder a idade. Cinquenta por cento são católicos, 15% evangélicos, 12,5% espíritas e 10% não possuíam religião. 25% possuíam entre 1 e 5 anos de experiência profissional, 20% entre 16 e 20 anos de profissão, 15% entre 11 e 15 anos de profissão e 10% eram recém-formados com até 11 meses de experiência. Todos ministram aulas para alunos de ensino fundamental. Sendo, 15 participantes do sexo masculino e 25 participantes do sexo feminino.

72,5% do(a)s professore(a)s consideram importante que a educação sexual seja ensinada com esta finalidade. 17,5% consideraram que este tema é relevante. Cerca de 10% preferiram não opinar sobre esta pergunta e/ou acreditam que este tema não é relevante.

Qual é a sua opinião sobre a educação sexual ser ensinada para crianças como forma de prevenir possíveis situações de violência sexual?

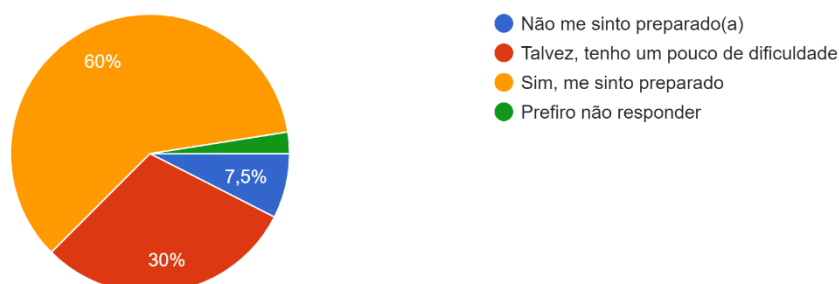
40 respostas



60% do(s) participantes responderam sentir-se preparados para prestar esclarecimentos e tirar dúvidas a respeito de questões sobre a sexualidade ao serem questionados por uma criança. 30% informaram ter um pouco de dificuldade quanto a isto. 7,5% informaram não estar preparados para falar sobre este assunto com crianças.

Ao ser questionado(a) por uma criança, sobre assuntos que envolvam a sexualidade, sente-se preparado para prestar esclarecimentos ou tirar dúvidas?

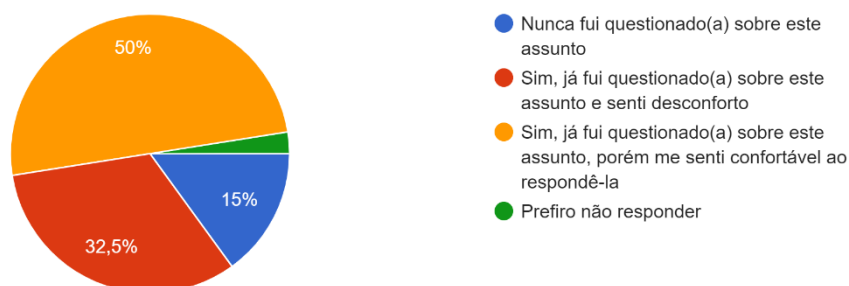
40 respostas



50% informaram sentirem-se confortáveis ao serem questionados por crianças sobre assuntos relacionados à sexualidade, 32,5% já foram questionados sobre estes assuntos e sentiram desconforto e 15% informaram nunca terem sido questionados sobre estes assuntos.

Você já foi questionado(a) a respeito de questões sobre a sexualidade por alguma criança? Qual foi sua reação?

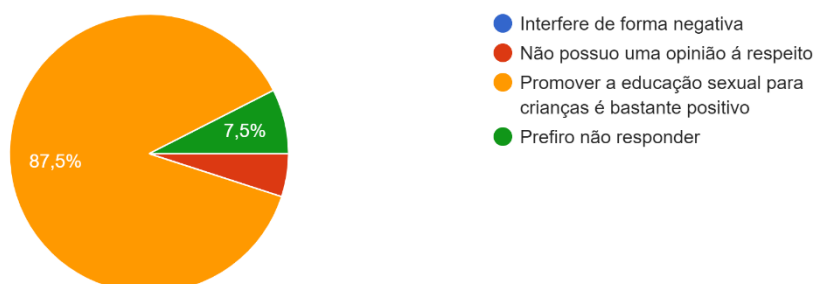
40 respostas



87,5% do(a)s participantes acreditam que a educação sexual pode contribuir no desenvolvimento das crianças de forma positiva. 7,5% preferiram não responder e apenas 5% afirmaram não possuir uma opinião a respeito.

Você acredita que a educação sexual pode contribuir no desenvolvimento de uma criança de forma positiva?

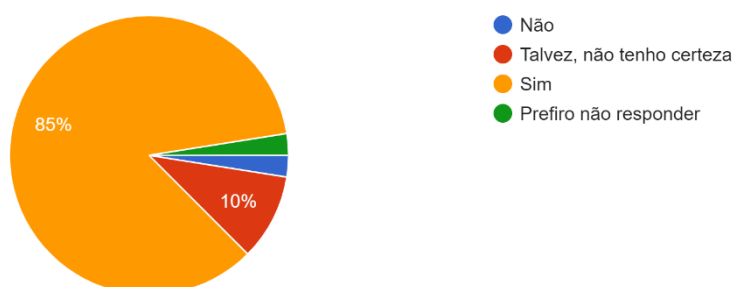
40 respostas



85% do(a)s participantes acreditam que para uma criança, ter uma melhor compreensão sobre os limites do próprio corpo, as tornariam menos suscetíveis a violência sexual. E apenas 10% não possuem certeza sobre isto.

Você acredita que a partir de uma melhor compreensão á respeito dos limites do próprio corpo (educação sexual), as crianças podem perceber ma... tornarem menos suscetíveis a violência sexual?

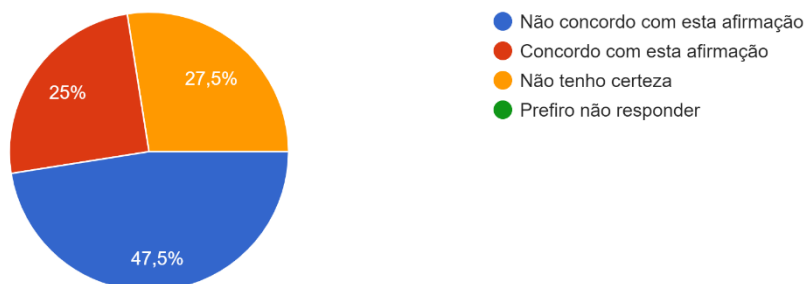
40 respostas



47% do(a)s participantes afirmaram não concordam que a educação sexual aguça a sexualidade infantil, 27,5% informaram não ter certeza. 25% acreditam que a educação sexual pode aguçar a curiosidade infantil sobre assuntos relacionados à sexualidade.

Quanto a esta afirmação: "Há grande risco de que a educação sexual possa aguçar a curiosidade infantil", qual a sua opinião?

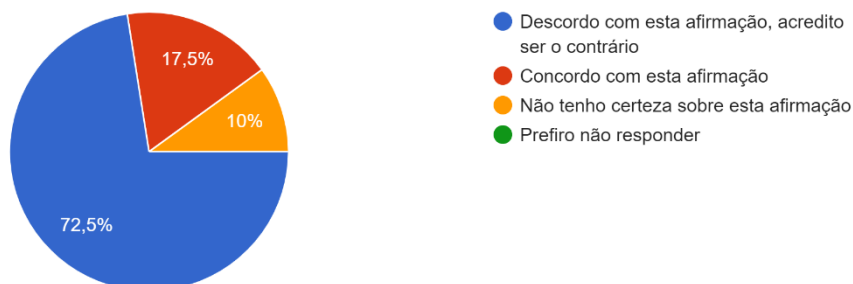
40 respostas



72,5 do(a)s participantes não concordam que a educação sexual pode vir a incentivar a iniciação sexual precoce das crianças. 17,5% acham que a educação sexual pode vir a incentivar a iniciação precoce. 10% informaram que não possuem uma opinião sobre.

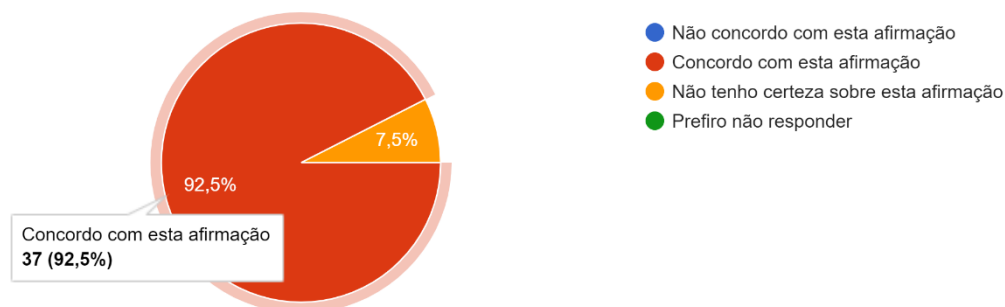
Quanto a esta afirmação: "A educação sexual pode incentivar a iniciação sexual precoce da criança", qual a sua opinião?

40 respostas



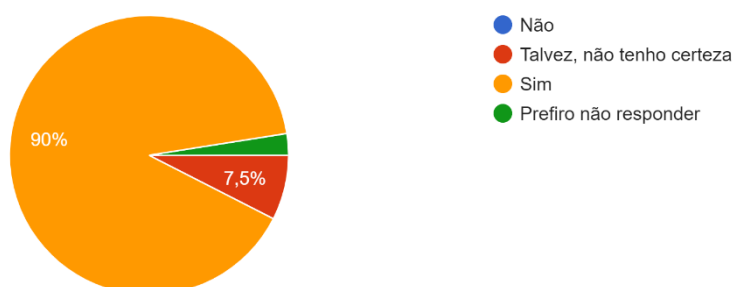
92,5 do(a)s participantes acreditam que quanto mais informações a respeito da própria sexualidade as crianças receberem, maior serão as chances de contarem sobre situações de violência sexual que estejam enfrentando. Apenas 7.5% disseram não ter certeza sobre essa informação.

Quanto a esta afirmação: "Quanto mais informações, menor o risco de que a criança se cale diante situações de violência sexual, aumentando as chances para um adulto responsável", qual a sua opinião?
40 respostas



90% do(a)s participantes acreditam que a educação sexual é uma grande ferramenta de combate a possíveis crimes de violência sexual. Apenas 7,5% disseram não ter certeza sobre essa informação.

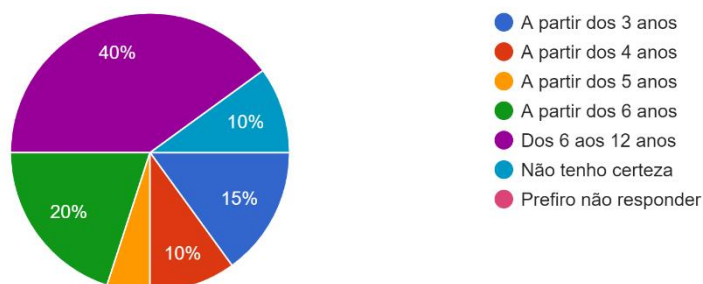
Você acredita que a educação sexual para crianças pode vir a ser uma ferramenta de combate à possíveis crimes de violência sexual?
40 respostas



Aos serem questionados sobre qual a idade ideal para iniciar o processo de educação sobre a sexualidade para crianças, 60% informaram que deve se iniciar somente a partir dos 6 anos de idade. Somente 15% informaram que deve ser iniciado somente a partir dos 3 anos de idade. 10% informaram que deve se iniciar aos 4 anos, e outros 10% disseram informaram não ter certeza sobre qual idade a educação sexual deverá ser ensinada.

Qual a sua concepção quanto ao período de início da orientação sexual para crianças?

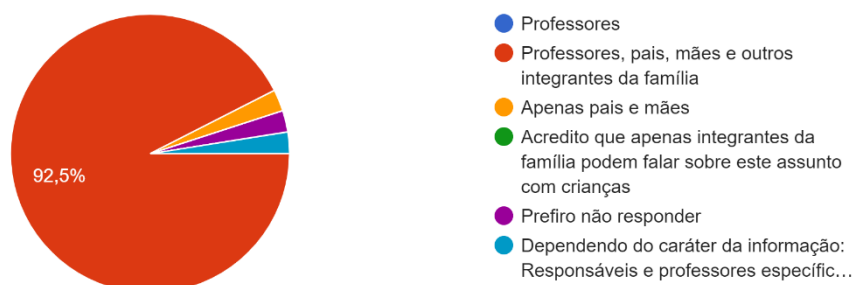
40 respostas



Ao serem questionados sobre quem deve ser o responsável por transmitir a educação sexual para as crianças, 92,5% informaram que deve ser responsabilidade de professores, pais, mães e outros integrantes da família. Uma pequena parte informou que apenas os pais devem ser responsáveis pela transmissão destes ensinamentos, e o restante preferiu não responder sobre esta questão.

Quem você julga ser responsável por transmitir conhecimento à respeito da educação sexual para crianças?

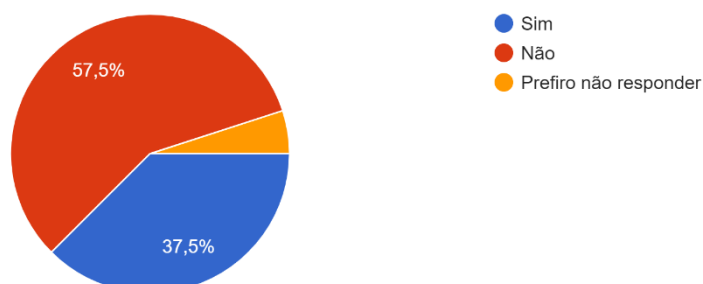
40 respostas



Ao serem questionados se profissionais da educação estão capacitados para transmitir conhecimentos sobre assuntos relacionados à sexualidade para as crianças, 57,5% informaram que o(a)s professor(a)s não estão capacitados para isto. 37% informaram que estão capacitados e cerca de 5% preferiram não responder.

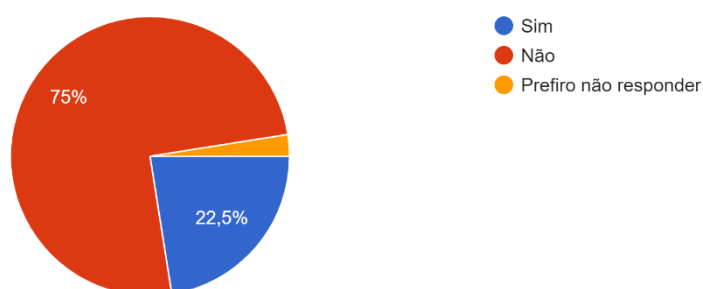
Você acredita que os professores estão capacitados para lecionar educação sexual na escola para crianças?

40 respostas



Você concluiu algum curso ou treinamento com temas relacionados a educação sexual para crianças?

40 respostas



Verificamos que os professores compreendem a necessidade da educação sexual, cerca de 60% informaram que a educação sexual pode ser relevante no combate à violência sexual infantil. No entanto apesar de verificarem relevância, cerca de, 32,5% dos professores informaram sentir dificuldades ao serem questionados sobre este tema por crianças. 25% dos entrevistados acreditam que a educação sobre a sexualidade pode aguçar a sexualidade infantil. Verificou-se também que 40% dos professores acreditam que a educação sexual deve ser iniciada somente a partir 6 anos de idade.

A pesquisa possibilitou perceber que se faz necessária acima de tudo a orientação dos professores sobre este tema, pois apenas 22,5% informaram ter realizado algum curso ou treinamento com temas relacionados a orientação sexual para crianças. Compreende-se que apesar destes profissionais possuírem a compreensão da relevância deste tema, a maioria destes não possuem capacitação

e preparo para promover a orientação sexual para crianças. Faz-se necessária maior capacitação e conscientização, visto que, as crianças passam maior tempo com estes profissionais. Sabendo que os professores são grandes aliados no processo de construção e desenvolvimento da infância, conscientizá-los e capacitá-los sobre a violência sexual infantil é extremamente necessário na prevenção da violência sexual infantil.

4.2 Segunda fase

Dados pessoais e profissionais de pais e mães.

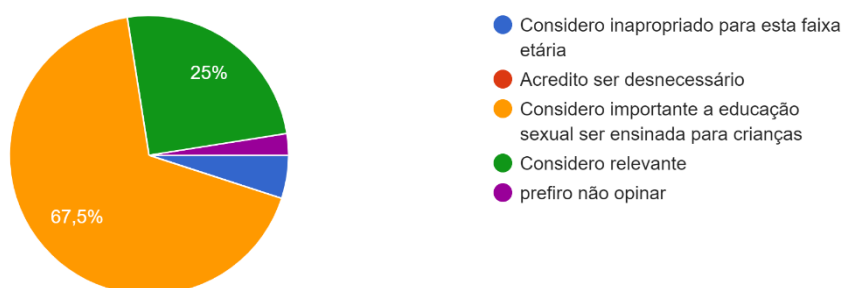
No que concerne aos dados pessoais, pais e mães em estudo se caracterizam em: 57,5% entre 25 e 31 anos e 12,5% entre 32 e 38 anos, 42,5% católicos, 40% evangélicos e 12,5% não possuíam religião. Todos os participantes são pais/mães de alunos do ensino Fundamental.

Qual é a sua opinião sobre a educação sexual ser ensinada para crianças como forma de prevenir possíveis situações de violência sexual?

67,5% consideram importante que a educação sexual seja ensinada com esta finalidade. 25% consideraram que este tema é relevante. Os demais preferiram não opinar sobre esta pergunta e/ou acreditam que este tema não é relevante.

Qual é a sua opinião sobre a educação sexual ser ensinada para crianças como forma de prevenir possíveis situações de violência sexual?

40 respostas

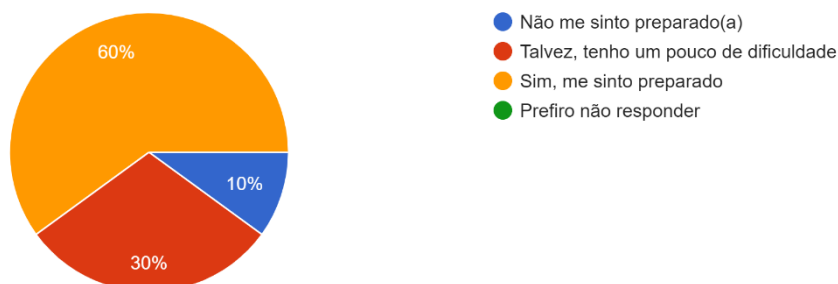


60% do(s) participantes responderam que se sentem preparados para prestar esclarecimentos e tirar dúvidas a respeito de questões sobre a sexualidade ao serem questionados por uma criança. 30% informaram ter um pouco de dificuldade quanto a

isto. 10% informaram não estar preparados para falar sobre este assunto com crianças.

Ao ser questionado(a) por uma criança, sobre assuntos que envolvam a sexualidade, sente-se preparado para prestar esclarecimentos ou tirar dúvidas?

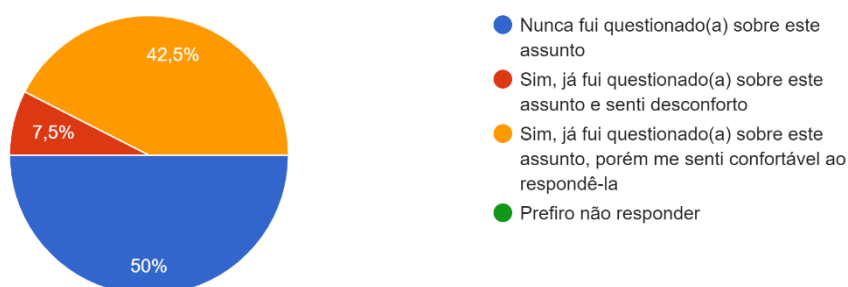
40 respostas



42,5% informaram sentirem-se confortáveis ao serem questionados por crianças sobre assuntos relacionados à sexualidade, 7,5% já foram questionados sobre estes assuntos e sentiram desconforto e 50% informaram nunca terem sido questionados sobre estes assuntos.

Você já foi questionado(a) a respeito de questões sobre a sexualidade por alguma criança? Qual foi sua reação?

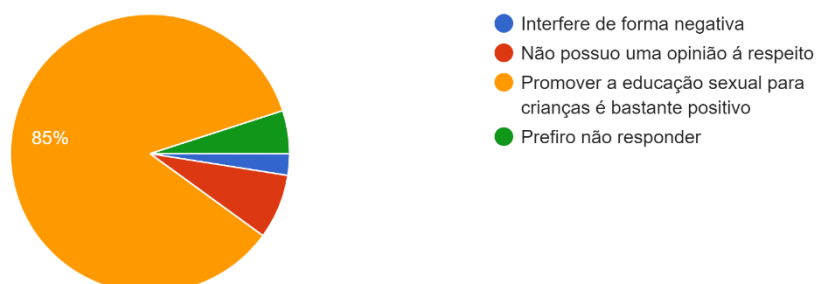
40 respostas



85% do(a)s participantes acreditam que a educação sexual pode contribuir no desenvolvimento das crianças de forma positiva. Os demais não têm uma opinião a respeito ou preferiram não responder esta pergunta.

Você acredita que a educação sexual pode contribuir no desenvolvimento de uma criança de forma positiva?

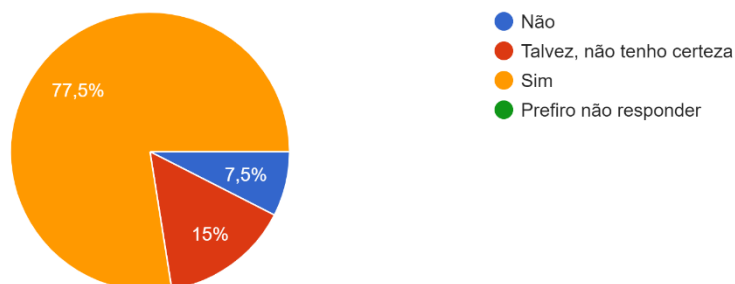
40 respostas



77,5% do(a)s participantes acreditam que para uma criança, ter uma melhor compreensão sobre os limites do próprio corpo, as tornariam menos suscetíveis a violência sexual, 15% não possuem certeza sobre. E apenas 7,5% não concordam sobre isto.

Você acredita que a partir de uma melhor compreensão á respeito dos limites do próprio corpo (educação sexual), as crianças podem perceber ma... tornarem menos suscetíveis a violência sexual?

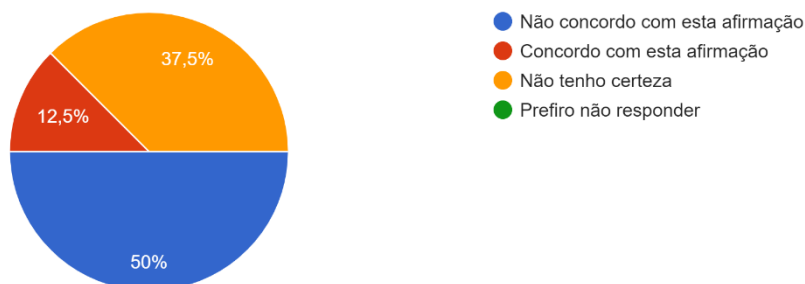
40 respostas



50% do(a)s participantes afirmaram não concordar com esta afirmação. 37,5% informaram não ter certeza. 12,5% acreditam que a educação sexual pode aguçar a curiosidade infantil sobre assuntos relacionados à sexualidade.

Quanto a esta afirmação: "Há grande risco de que a educação sexual possa aguçar a curiosidade infantil", qual a sua opinião?

40 respostas



65% do(a)s participantes não concordam que a educação sexual pode vir a incentivar a iniciação sexual precoce das crianças. 25% informaram que não possuem uma opinião sobre. Os demais acham que a educação sexual pode vir a incentivar a iniciação precoce.

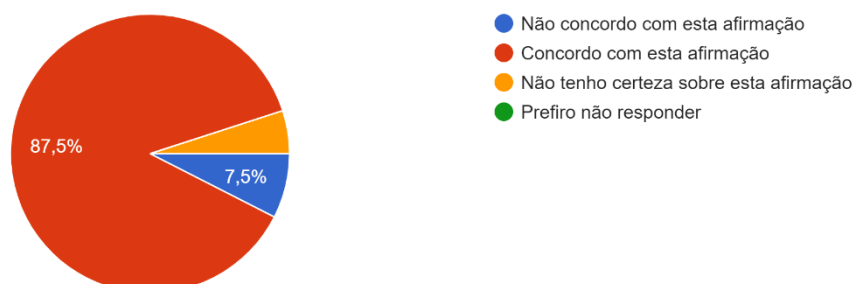
Quanto a esta afirmação: "A educação sexual pode incentivar a iniciação sexual precoce da criança", qual a sua opinião?

40 respostas



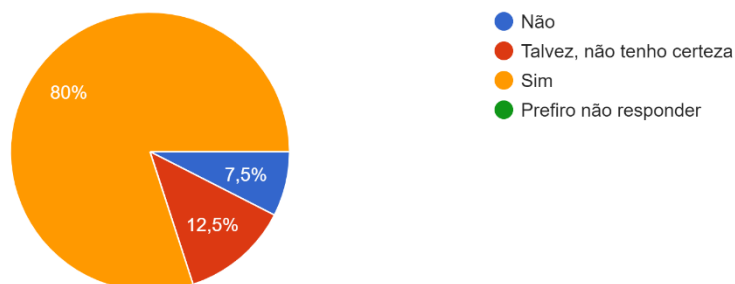
87,5% do(a)s participantes acreditam que quanto mais informações a respeito da própria sexualidade as crianças receberem, maior serão as chances de contarem sobre situações de violência sexual que estejam enfrentando. 7,5% não concordam com esta afirmação. Os demais informaram não ter certeza sobre esta afirmação.

Quanto a esta afirmação: "Quanto mais informações, menor o risco de que a criança se cale diante situações de violência sexual, aumentando as chances de denúncia para um adulto responsável", qual a sua opinião?
40 respostas



80% do(a)s participantes acreditam que a educação sexual é uma grande ferramenta de combate a possíveis crimes de violência sexual. 12,5% disseram não ter certeza sobre e 7,5% discordam que a educação sexual pode ser uma ferramenta de combate a crimes de violência sexual infantil.

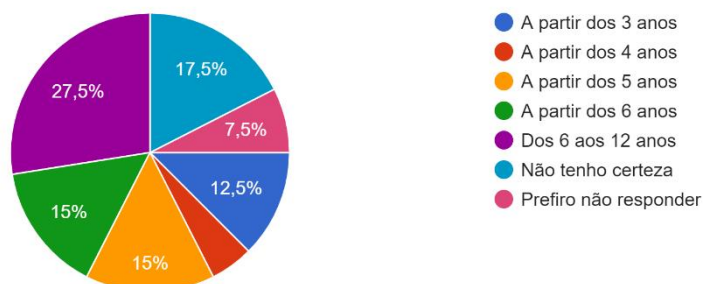
Você acredita que a educação sexual para crianças pode vir a ser uma ferramenta de combate à possíveis crimes de violência sexual?
40 respostas



Aos serem questionados sobre qual a idade ideal para iniciar o processo de educação sobre a sexualidade para crianças, 42,5% informaram que deve se iniciar somente a partir dos 6 anos de idade. 12,5% informaram que deve ser iniciado somente a partir dos 3 anos de idade. 15% informaram que deve ser iniciado somente a partir dos 5 anos de idade e outros 17,5% disseram informaram não ter certeza sobre qual idade a educação sexual deverá ser ensinada e 7,5% preferiram não responder a esta questão.

Qual a sua concepção quanto ao período de início da orientação sexual para crianças?

40 respostas



Ao serem questionados sobre quem deve ser o responsável por transmitir a educação sexual para as crianças, 65% informaram que deve ser responsabilidade de professores, pais, mães e outros integrantes da família. 17,5% informaram que deve ser responsabilidade apenas de pais e mães.

Quem você julga ser responsável por transmitir conhecimento à respeito da educação sexual para crianças?

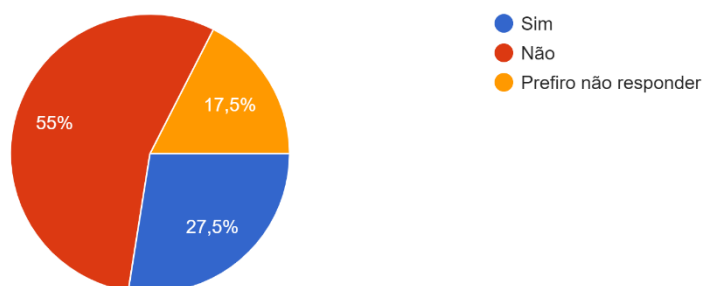
40 respostas



Ao serem questionados se profissionais da educação estão capacitados para transmitir conhecimentos sobre assuntos relacionados à sexualidade para as crianças, 55% informaram que o(a)s professore(a)s não estão capacitados para isto. 27,5% informaram que estão capacitados e cerca de, 17,5% preferiram não responder.

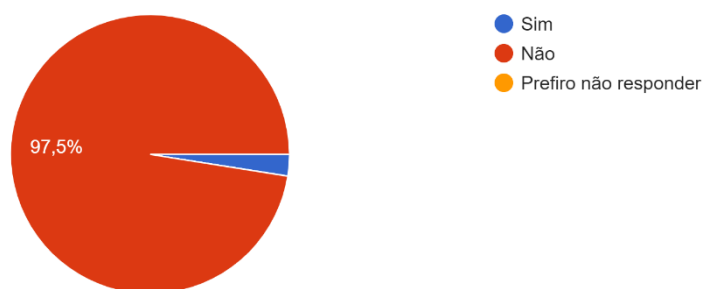
Você acredita que os professores estão capacitados para lecionar educação sexual na escola para crianças?

40 respostas



Você concluiu algum curso ou treinamento com temas relacionados a educação sexual para crianças?

40 respostas



Verificamos que pais e mães de crianças do ensino fundamental, compreendem a necessidade da educação sexual. A maioria dos participantes acredita que a educação sexual pode ser relevante no combate à violência sexual infantil. No entanto apesar de verificarem relevância, cerca de 30% informaram sentir dificuldades ao serem questionados sobre este tema por crianças. Diferentemente dos professores entrevistados, quase a totalidade de pais e mães não acreditam que a educação sobre a sexualidade pode aguçar a sexualidade infantil.

A pesquisa possibilitou perceber que apesar dos professores entrevistados apresentarem maior nível de conhecimento, como a prática de cursos sobre educação sexual infantil, eles apresentaram maiores dificuldades quanto as questões relacionadas na transmissão de conhecimentos sobre a educação sexual para crianças. Compreende-se que apesar da falta de conhecimentos teóricos e práticos sobre a aplicação da educação sexual na prática, pais e mães sentem maior

tranquilidade para transmitir conhecimentos e informações sobre o assunto. A maioria dos participantes informou que professores da educação infantil não estão capacitados para transmitir conhecimentos para as crianças. Podemos considerar que foi visto que os dois públicos participantes do formulário de opinião necessitam de melhor capacitação e conscientização a respeito da violência sexual infantil, pois estes são fundamentais peças para a construção de uma infância protegida, mais consciente sobre a sexualidade e sobre os limites do próprio corpo, facilitando e construindo para a prevenção da violência sexual infantil.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento da sexualidade faz parte de todo ser humano, inclusive está presente na infância, assim como em todas as fases da vida. No entanto, a sexualidade infantil parece estar despercebida em muitos contextos em que as crianças estão inseridas. Podemos considerar que a educação sexual é entendida pela maioria dos participantes desta pesquisa, como um assunto importante a ser abordado, e que crianças precisam ser educadas para que através da educação se obtenha a prevenção se ofereça proteção. No sentido de acolher e educar o indivíduo revela-se importante à educação sexual fornecida desde o nascimento pela família. Mas as instituições familiares nem sempre conseguem cumprir satisfatoriamente sua função, e acabam transferindo-a a outra instituição onde seu filho passará grande parte de sua vida: a escola.

Sabemos que as duas instituições têm ações complementares na educação e que a escola também enfrenta dificuldades em cumprir seu papel na orientação sexual de seus alunos. Para cumprir sua função educativa, a escola depende dos seus professores, os quais também foram parte dos objetos deste estudo. Para eles a orientação sexual para a criança é de grande importância na prevenção e combate à violência sexual infantil, no entanto, maior parte dos professores considera que não estão preparados para educar sobre sexualidade.

Uma parcela pequena dos professores acredita que a educação sexual deve começar logo quando a criança ingressa efetivamente na escola, o que com certeza teria um caráter mais preventivo e facilitaria o trabalho de prevenção e cuidado. Quase que a totalidade de pais e professores informaram preferir adiar ao máximo a educação sexual, considerando que deve ser iniciada a partir dos seis anos de idade. Talvez por não portarem de fato conhecimentos a respeito deste assunto, ou até mesmo por considerarem este tema muito complexo para ser transmitido a crianças com menos de seis anos de idade.

A sexualidade na escola deveria ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo escolar, com professores devidamente preparados para esta função em uma metodologia participativa, através de uma linguagem apropriada, com base na manifestação das próprias crianças. Uma parte expressiva dos participantes

deste estudo mostrou-se inseguro com o seu conhecimento e prática nos conteúdos de orientação sexual.

É necessário que instituições educacionais, professore(a)s, pais e mães busquem conhecimento e desenvolvam habilidades, que proporcione a eles condições de ampliar e reciclar seus conhecimentos a respeito da educação sexual, através de programas de atualização e capacitação direcionadas a sexualidade, que possibilitem transmitir conhecimento e segurança para as crianças. Para isto, o conhecimento disseminado nas escolas deve ir além dos conteúdos formais, incluindo a produção de disciplinas de acordo com as normas sociais e culturais estabelecidas.

As escolas devem oferecer educação sexual às crianças, pois deste modo, teremos indivíduos capazes de criar e manter um vínculo de confiança que cumpra os objetivos da orientação sexual na escola e no ambiente familiar, ao ponto de levá-las a reflexão e aplicação do conhecimento para a construção de um ambiente seguro, acolhedor e capaz de contribuir no combate à violência sexual infantil. Esta pesquisa aponta algumas falhas na transmissão da educação sexual para crianças, e demonstra a urgência da promoção de conhecimento para todos, não somente ao público infantil. Visto que a educação deve acontecer de maneira que venha a alcançar todos os indivíduos.

Dentre os limites desta pesquisa, surgem algumas questões ainda não identificadas, como a causa de incongruências a respeito da opinião de alguns participantes quanto à educação sexual ser ensinada para as crianças, e quais fatores estão por trás das dificuldades de se promover a educação sexual no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. Abuso sexual – mitos e realidade. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 3ª Ed., Abrapia, 2002.

Azevedo MA, Guerra VNA. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: Azevedo MA, Guerra VNA, eds. Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu; 2000. p.25-47.

BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 7ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BORGES, J .L.; ZINGLER, V. T. Fatores de risco e de proteção em adolescentes vítimas de abuso sexual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 453-463, jul. 2013.

BRASIL. secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual. Brasília, DF, 1998.

Brino, R. F. & Williams, L. C. A. (2003b). Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 113-128.

Chauí, M. (1998). Ensaio: ética e violência. Área: nº 39 – outubro, novembro e dezembro de 1998. *Revista Teoria e Debate*, 2.

Costa COM, Lopes CPA, Souza RP, Patel BN. Sexualidade na adolescência desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *J Ped* 2001; 77(supl 2): 217-24.

COSTA, P. C. F.; VILLANI, A.C.C, ÉDINA, F. Adesão das escolas à educação sexual: uma metodologia de análise. REEC: Revista electrónica de enseñanza de las ciencias, v. 17, n. 2, p. 337-358, 2018.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Teorias da Personalidade. São Paulo: Harbra, 2002. 405 p

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.98, p. 50-63, set. 1996.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 1. Ed. Londrina: Eduel. 2010.

FREUD, Sigmund. O eu e o id, " autobiografia" e outros textos. Companhia das letras. 1923 – 1925. 326 p.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias. Tese (Doutorado). – Campinas, SP, 2009.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: Matrizes Institucionais, Disposições Culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

Garcia F. Secundário sem disciplina de Educação Sexual. São Paulo (SP): Seminário Transmontano, 2004.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. Revista Brasileira de Educação v. 18 n. 52 jan.-mar. 2013. p. 101-239.

Gomes, R., Silva, C. M. F. P. & Njaine, K. (1999). Prevenção à violência contra acriança e o adolescente sob a ótica da saúde: Um estudo bibliográfico. Ciência e Saúde Coletiva, 4(1), 171-181.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. Holos, v. 5, p. 251-263, 2013.

HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia H.; AZEVEDO, Gabriela Azen e MACHADO, Paula Xavier. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 3, p.341- 348, dez. 2005.

Jardim DP, Brêtas JRS. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. Rev Bras Enferm 2006 mar-abr; 59(2):157-62.

JOLIBERT, Bernard. Sigmund Freud. Massangana. 2010.

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1997.

LAVIOLA, Elaine Cardia. Reações de educadoras de creche diante de manifestações de sexualidade infantil. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 7. Florianópolis, Editora mulheres, 2006.

LOPARIC, Zeljko (1997). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. Percurso, ano IX, n. 17, p. 41-47. (Reeditada em 1997: Revista de Psicanálise da SPPA, v. IV, n. 2, p. 375-387.

Maia ACB. Abuso sexual infantil. In: Maia ACB, Maia AF, eds. Sexualidade e infância. Bauru: FC/UNESP: CECEMCA; 2005.p.143-58.

MANZATO, Antonio J.; SANTOS, Adriana B. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP. 2012.

MATTAR, Fauze Najib. Pesquisa de marketing: metodologia e planejamento.v.1.5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Ministério da Saúde. Brasil. (2002). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde*. Brasília: Ministério da Saúde.

Miranda MHH, Fernandes FECV, Melo RA, Meireles RC. Sexual violence against children and adolescents: an analysis of prevalence and associated factors. *Rev Esc Enferm USP*. 2020;54:e03633.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

MOIZES, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, Mar. 2010.

PEREIRA ET AL. Validação da Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS) no Contexto Brasileiro. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 24, n. 1, p. 145-158, jan./mar. 2019.

Ribeiro PRC, Souza NGS, Souza DO. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. *Rev Estud Fem*. 2004;12(1):109-29.

Rispens, J., Aleman, A. & Goudena, P. (1997). Prevention of child sexual abuse victimization: A meta-analysis of school programs. *Child Abuse & Neglect*, 21(10),975-987.

Santos BR, Ippolito R. Guia de referência - construindo uma cultura de prevenção à violência sexual. São Paulo: Childhood - Instituto WCF-Brasil: Prefeitura da cidade de São Paulo. Secretaria da Educação; 2009.

Sigmund. Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. Imago, 1901 – 1905. VII.

SILVA, Gizele Quédina Pereira; SCHMITZ, Nara Helena; MENEZES, Marina. Perspectivas parentais sobre a sexualidade de crianças atendidas em clínica-escola de psicologia. **Psicologia Argumento**, Paraná, v. 33, n. 81, out. 2015.

Silva, J. M. D. (2004). Capacitação de conselheiros tutelares: Instruir para aprimorar. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

VIANNA, Claudia. FINCO Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.

Vygotsky, L.S. (1984). *Formação Social da Mente*. S. Paulo: Martins Fontes.

VINICIUS, Marcos Cunha. FREUD: Psicanálise e Educação.

VERGARA, Sylvia Maria, Projetos e relatórios de pesquisa em administração. Rio Paulo: Atlas, 1997.

Xavier Filha C. Violência sexual contra crianças: ações e omissões nas/das instituições educativas. In: Xavier Filha C, ed. Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias. Campo Grande: Ed. UFMS; 2011. p.131-66.

Xavier Filha C, Meza ER, Amorim SMF, Motti AJA, Damasceno E. A escola como espaço de identificação e prevenção de violências contra crianças e adolescentes - ações do projeto Escola que protege. *Extensão em Foco*. 2008;1(1):67-77.

ZERBINATI, João Paulo; BRUNS, M. A. D. T. Sexualidade e educação: revisão sistemática da Literatura Científica Nacional. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 76-92, jan. 2017.

ZORNIG, S. M. A. J. (2008). As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, nº 1, p. 73-77, jan./mar.

APÊNDICE – FORMULÁRIO DE OPINIÃO

LINK DE ACESSO: <https://forms.gle/h71vQA5mfHKp71MJA>

1) E-mail: *

2) Qual é a sua idade? *

Entre 25 e 31 anos

Entre 32 e 38 anos

Entre 39 e 45 anos

Entre 46 e 52 anos

Entre 53 e 59 anos

Acima de 60 anos

Prefiro não responder

3) Você possui alguma religião? *

Católica

Evangélico

Espírita

Umbandista

Não possuo religião

Prefiro não responder

Outro:

4) Qual o seu nível de escolaridade? *

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo

Prefiro não responder

Outro:

5) Qual a sua formação acadêmica? *

Informe qual(is) curso(s) você está cursando ou já cursou.

6) Quanto tempo de experiência você possui na sua área de atuação profissional? *

- Não possuo experiência profissional
- Sou recém-formado (1 mês a 11 meses)
- Entre 1 e 5 anos de experiência
- Entre 6 e 10 anos de experiência
- Entre 11 e 15 anos de experiência
- Entre 16 e 20 anos de experiência
- Entre 21 e 25 anos de experiência
- Mais de 26 anos de experiência
- Prefiro não responder

7) Você concluiu algum curso ou treinamento com temas relacionados a educação sexual para crianças? *

- Sim
- Não
- Prefiro não responder
- Caso afirmativo, qual tipo de curso
- curso de extensão entre 20h e 60 h
- curso de capacitação entre 80h e 120h
- curso de especialização entre 150h e 300h
- Outro:

8) Qual é a sua opinião sobre a educação sexual ser ensinada para crianças como forma de prevenir possíveis situações de violência sexual? *

- Considero inadequado para esta faixa etária
- Acredito ser desnecessário
- Considero importante a educação sexual ser ensinada para crianças
- Considero relevante
- Prefiro não opinar

9) Ao ser questionado(a) por uma criança, sobre assuntos que envolvam a sexualidade, sente-se preparado para prestar esclarecimentos ou tirar dúvidas? *

- Não me sinto preparado(a)
- Talvez, tenho um pouco de dificuldade
- Sim, me sinto preparado
- Prefiro não responder

10) Você já foi questionado(a) a respeito de questões sobre a sexualidade por alguma criança? Qual foi sua reação? *

- Nunca fui questionado(a) sobre este assunto
- Sim, já fui questionado(a) sobre este assunto e senti desconforto
- Sim, já fui questionado(a) sobre este assunto, porém me senti confortável ao respondê-la
- Prefiro não responder

11) Você acredita que a educação sexual pode contribuir no desenvolvimento de uma criança de forma positiva? *

- Interfere de forma negativa
- Não possuo uma opinião a respeito
- Promover a educação sexual para crianças é bastante positivo
- Prefiro não responder

12) Você acredita que a partir de uma melhor compreensão a respeito dos limites do próprio corpo (educação sexual), as crianças podem perceber, mas facilmente situações de risco e a partir disso se tornarem menos suscetíveis a violência sexual? *

- Não
- Talvez, não tenho certeza
- Sim
- Prefiro não responder

13) Quanto a esta afirmação: "Há grande risco de que a educação sexual possa aguçar a curiosidade infantil", qual a sua opinião? *

- Não concordo com esta afirmação
- Concordo com esta afirmação
- Não tenho certeza
- Prefiro não responder

- 14) Quanto a esta afirmação: "A educação sexual pode incentivar a iniciação sexual precoce da criança", qual a sua opinião? *

Descordo com esta afirmação, acredito ser o contrário

Concordo com esta afirmação

Não tenho certeza sobre esta afirmação

Prefiro não responder

- 15) Quanto a esta afirmação: "Quanto mais informações, menor o risco de que a criança se cale diante situações de violência sexual, aumentando as chances de relatar o ocorrido para um adulto responsável", qual a sua opinião? *

Não concordo com esta afirmação

Concordo com esta afirmação

Não tenho certeza sobre esta afirmação

Prefiro não responder

- 16) Você acredita que a educação sexual para crianças pode vir a ser uma ferramenta de combate à possíveis crimes de violência sexual? *

Não

Talvez, não tenho certeza

Sim

Prefiro não responder

- 17) Qual a sua concepção quanto ao período de início da orientação sexual para crianças? *

A partir dos 3 anos

A partir dos 4 anos

A partir dos 5 anos

A partir dos 6 anos

Dos 6 aos 12 anos

Não tenho certeza

Prefiro não responder

- 18) Quem você julga ser responsável por transmitir conhecimento á respeito da educação sexual para crianças? *

Professores

Professores, pais, mães e outros integrantes da família

Apenas pais e mães

Acredito que apenas integrantes da família podem falar sobre este assunto com crianças

Prefiro não responder

Outro:

- 19) Você acredita que os professores estão capacitados para lecionar educação sexual na escola para crianças?

Sim

Não

Prefiro não responder